

## PREFÁCIO

Um livro de História sempre tem também sua própria história, ainda que às vezes nem sempre muito explícita. A deste livro começou assim: em uma reunião realizada na sala do Programa *Clio-Psyché* de estudos e pesquisas em História da Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2015, os três organizadores deste livro e pesquisadores em História da Psicologia lidavam com demandas muito específicas.

A primeira delas dizia respeito a um projeto contemplado pelo Edital de Ciências Humanas e Sociais (CNPq), que previa a elaboração de um livro sobre a pesquisa em História da Psicologia a fim de orientar futuros pesquisadores na área. Havia também igual preocupação com as atividades relativas ao Grupo de Trabalho (GT) em História Social da Psicologia, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) – do qual todos os autores deste livro fazem parte –

principalmente em função da importância de realizar um trabalho efetivamente integrado.

O ritmo de trabalho, que se seguiu à decisão de escrever um livro com as características deste material que você tem em mãos, foi contingenciado tanto pelo necessário aprofundamento das reflexões, quanto pela laboriosa agenda de pesquisa do torvelinho acadêmico e institucional.

Nossa ideia foi a de problematizar narrativas e procedimentos disseminados entre os historiadores da Psicologia. Usualmente a atividade do historiador da Psicologia parece se limitar a construir uma narrativa um tanto distanciada do que a Psicologia anda fazendo nos dias de hoje. Lemos grande número de livros de História da Psicologia com narrativas que parecem surgir de um lugar misterioso – frequentemente inserido na cabeça de algum pensador europeu ou norte-americano que teve uma ideia brilhante –, sem que nós, muitos anos depois, consigamos relacionar esta ou aquela Psicologia narrada com seu local de emergência, com seus problemas e com os modos pelos quais a reflexão escrita foi efetivamente investida no campo social. Foi pensando nisso que consideramos importante abordar questões relevantes para a atualidade. Abordá-las historicamente significa mostrar análises históricas potencializadoras de nossa ação como psicólogos.

Movidos por estas duas orientações básicas elaboramos o livro em duas grandes partes. Os três primeiros capítulos foram dedicados ao debate do porquê, do como e dos efeitos da História da Psicologia. Os três capítulos finais estão voltados para algumas abordagens ainda minoritárias nos livros de Psicologia e na reflexão histórica da Psicologia – a libertação, a raça e o racismo e a história da História da Psicologia Social.

Nossa pretensão não foi a de expor de forma exaustiva as diferentes Histórias da Psicologia nem indicar

novos modos de fazer História. Pensamos, antes, de modo mais simples e mais profundo em sensibilizar o leitor ainda aberto, incerto e curioso para algumas questões e procedimentos debatidos tanto entre os historiadores quanto entre psicólogos.

Nesse sentido, este livro foi escrito pensando nos que iniciam suas pesquisas em Psicologia e que podem tanto ver na análise histórica uma atividade que produza textos ricos para nossa lida de profissionais voltados para as interações e para o outro, assim como se valer da análise histórica para combater hierarquias e alienações variadas.

O leitor encontrará, ao final do livro, uma breve descrição dos autores e seus contatos. Este livro emana de alianças que as atividades de docência, extensão e pesquisa têm produzido entre psicólogos interessados em questões sociais. Todos os autores, mergulhados em universidades e fundações públicas, realizamos nossas atividades voltados para formas livres e libertadoras de convivência social. Tal constatação faz com que busquemos aliados nessa que é uma prática menor, mas não menos intensa e poderosa de fazer Psicologia.

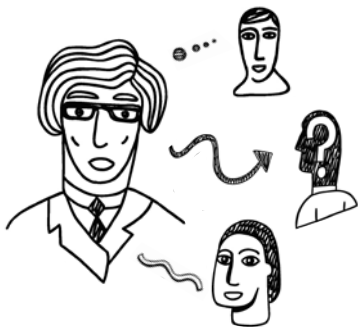


# 1

## POR QUE FAZER UMA HISTÓRIA SOCIAL DA PSICOLOGIA?

*Francisco Teixeira Portugal  
Cristiana Facchinetti  
Alexandre de Carvalho Castro*

Ao longo de um curso ou programa de estudos em Psicologia, na maioria das vezes, o professor tende a ensinar as teorias psicológicas de forma sistematizada, através de uma organização didática que privilegia e estrutura os tópicos de acordo com sua relevância e amplitude. De fato, é mais rara a opção por uma organização temática em função da cronologia dos eventos, pois como os teóricos constroem suas proposições através de idas e vindas, inclusive



ambíguas e contraditórias, tal escolha pode representar pouca clareza didática. Afinal de contas – podem pensar muitos professores –, por que perder tempo esclarecendo as ideias que Freud posteriormente abandonou? Não é melhor ir direto ao assunto?